

O DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO E A INTELIGÊNCIA: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

Cássio Eduardo Soares Miranda¹

Resumo

O objetivo deste ensaio é discutir as formações discursivas contemporâneas sobre a inteligência e a superdotação. Para tanto, apresenta apontamentos sobre sua função no discurso capitalista, a partir dos possíveis artifícios que a língua gera com a sua função segregadora. Ao final, aponta, ainda que rapidamente, os possíveis caminhos na inteligência gerados pela incessante valorização dos ditos mais inteligentes.

Palavras-chave

Inteligência; superdotação; discurso; psicanálise

THE CONTEMPORARY DISCOURSE ON GIFTEDNESS AND INTELLIGENCE: NECESSARY NOTES

Abstract

The aim of this essay is to discuss contemporary discursive formations on intelligence and giftedness. To this end, it presents notes on how they function in capitalist discourse, based on the possible artifices that language generates with its segregating function. Finally, it points out, albeit briefly, the possible paths of intelligence generated by the incessant valorization of the so-called most intelligent.

Key words: Intelligence; giftedness; discourse; psychoanalysis

EL DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE LA SUPERDOTACIÓN Y LA INTELIGENCIA: APUNTES NECESSÁRIOS

Resumen

El objetivo de este ensayo es discutir las formaciones discursivas contemporâneas sobre la inteligencia y la superdotación. Para ello, presenta notas sobre su funcionamiento en el discurso capitalista, a partir de los posibles artificios que el lenguaje genera con su función segregadora. Por último, señala, aunque brevemente, los posibles caminos de la inteligencia generados por la incesante valorización de los llamados más inteligentes.

Palabras clave: Inteligencia; superdotación; discurso; psicoanálisis

¹ Professor adjunto da Universidade Federal do Piauí. Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva (Linhas de pesquisa: Saúde na Escola e Saúde da Família). Coordenador do Laboratório de Psicanálise, Psicopatologia e Contemporaneidade (LaPsi).

Introdução

A contemporaneidade implica em um modo de subjetivação demarcado por dispositivos historicamente constituídos e que não são extintos tão rapidamente de uma era para a outra. Na realidade, tais dispositivos são transformados e aprimorados na medida em que práticas de subjetivação se produzem e são responsáveis pela produção de novos modos de vida e de desejo. De modo geral, podemos dizer que todos os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões do desejo e da subjetividade, pois as relações que os humanos estabelecem nas práticas sociais são, em um certo sentido, fenômenos de subjetivação. Para a psicanálise, a subjetividade é produzida pela linguagem (Lacan, 1957), a partir de uma circulação na esfera social, sendo vivenciada pelos sujeitos em suas existências particulares.

De maneira geral, toda narrativa o real e fala em nome de uma dada instituição. Entretanto, o real representado não corresponde, segundo Certeau (2002), àquele que determina sua produção, podendo ele mesmo ocultar o aparelho social e técnico que o produziu. É desse modo que os discursos produzidos sobre a inteligência e a superdotação, na contemporaneidade, permitem-nos verificar que existe um real instituído por determinados dispositivos e instituições que, de algum modo, ocultam o aparelho técnico que tem produzido o discurso sobre a inteligência na atualidade.

Ora, a discussão em torno das variadas compreensões acerca da inteligência tem se transformado em uma questão sempre presente na cultura, sobretudo nos debates em torno da educação. Tal emergência se solidifica a partir da segunda metade do século 20, no momento em que ocorre uma maior abrangência da definição do que é ser inteligente. Desse modo, este ensaio tem como finalidade problematizar o discurso contemporâneo sobre a superdotação e a inteligência, fazendo breves apontamentos sobre sua função no discurso capitalista, a partir dos possíveis artifícios que a língua gera com a sua função segregadora para, ao final, apontar, ainda que brevemente, os possíveis caminhos na inteligência gerados pela incessante valorização dos ditos mais inteligentes. Para tanto, tomam-se como referências para a discussão que aqui se propõe, autores como Lacan (1957,1969, 1973), Chomsky (1980) e Antipoff (2010).

1. Discursos sobre a inteligência e a superdotação

As incidências do discurso capitalista, ainda que de forma velada, se fazem presentes em quase todos os espaços da vida atual, inclusive nesse campo vasto, que é a inteligência. Trata-se, segundo alguns autores como Osowski (1989), de uma tentativa de se atender às demandas que o Capital tem imposto constantemente aos trabalhadores. Para essa autora, a constante expansão do capital exige a implementação de estratégias sempre renovadas e uma categoria social como a de “superdotados”. Na análise realizada por ela, “[...] nada mais é do que FORÇA DE TRABALHO que, sob determinadas condições permite que o capitalista possa apropriar-se de uma parcela maior de trabalho, ou seja, de MAIS-VALIA, mascaradamente chamada de desempenho superior” (Osowski, 1989, p. 117). De fato, uma teoria dominante na contemporaneidade é a Teoria das Inteligências Múltiplas que, a partir da interpretação dada pela autora supracitada, podemos dizer que aparece para atender a demanda do mercado por um trabalhador mais ajustado às suas exigências, em um momento em que o processo de produção passa por profundas transformações. No contexto atual, é exigido do trabalhador variadas e novas habilidades, o que inclui as cognitivas, a fim de que ele se adeque ao mundo do trabalho, que se tornou mais flexibilizado no mundo contemporâneo (Neves, 2006; Filgueiras, Cavalcante, 2020).

Nesse sentido, Neves (2006) propõe-nos uma discussão sobre as modificações produtivas no capitalismo do final do século XX. Suas proposições permitem-nos inferir que os desdobramentos do processo de recomposição do capitalismo mundial provocaram também certas modificações e mudanças na ciência e, de alguma maneira, incidem sobre a concepção acerca da atividade intelectual.

Conforme dissemos anteriormente, a discussão em torno da inteligência não é nova. A inteligência como objeto de estudo da ciência psicológica surgiu no final do século XIX com as pesquisas da psicometria, ramo da psicologia que se ocupa do estudo das diferenças individuais, medidas através de testes que quantificam as aptidões. O estabelecimento de um discurso psicotécnico motiva a elaboração de uma gama de testes de inteligência, seja na mesma proposta das respostas individuais diante da execução de cada tarefa isoladamente, seja no estabelecimento de testes que levam em consideração não apenas os itens verbais, mas também *tarefas de realização*, como é o caso da escala elaborada por David Weschler, como afirma esse autor (Weschler, 1940).

Várias oposições à psicometria surgiram no século XX e dentre elas talvez a que se tenha maior destaque seja a teoria piagetiana. Para Jean Piaget (1975), a inteligência constitui-

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 117 – 138 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

O DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO E A INTELIGÊNCIA: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

se como um caso específico de adaptação biológica. Isto posto, a inteligência é um aparelhamento cuja função é a de “estruturar o universo tal como o organismo estrutura o meio imediato” (Piaget, 1975, p.15). Desse modo, sua compreensão sobre a adaptação é a de que há um equilíbrio entre as ações do organismo sobre o meio e deste sobre o organismo, que pode também ser traduzida no equilíbrio progressivo entre “assimilação” e “acomodação”. Sem nos aprofundarmos no mérito das discussões piagetianas, podemos dizer que a apreensão da inteligência como estrutura adaptativa só se concretiza no entendimento da biologia como constitutiva da epistemologia piagetiana. O encadeamento entre os processos vitais biológicos e os psicológicos – uma característica fundamental da proposta piagetiana do desenvolvimento cognitivo - é que permite asseverar que a inteligência, tanto em seu aspecto individual quanto filogenético, segue as mesmas construções evolutivas. Com isso, temos a presença dessa concepção de “inteligência adaptativa” nos diferentes enfoques atuais da inteligência, o que comprova como essas suposições são características do conceito do que é ser inteligente, readquirindo essa característica na sua forma natural, operativa, funcional. Dito de outra forma, as concepções contemporâneas de inteligência talvez sejam, de modo ou de outro, concepções arraigadas em uma visão biologizante de homem.

Outro importante destaque a ser dado é à “Teoria das inteligências múltiplas” em função da presença desse ponto de vista na contemporaneidade, principalmente o papel de destaque que tem recebido nas propostas e práticas educacionais, gerando pesquisas variadas e orientando práticas, tanto no Brasil como em outros países do mundo (Dantas, 2005; Almeida, 2005; Schultz, Miguel, 2023). Em síntese, a referida teoria parte do pressuposto de que a inteligência não é mais abarcada como uma característica geral, mas como aptidões específicas que se manifestam em habilidades no desempenho de tarefas.

Para Gardner (1994), recorrer à psicometria serve como um dos critérios para assegurar que a baixa correlação entre a avaliação de algumas habilidades indicaria uma independência entre esses fatores. No entanto, ele faz severas críticas à concepção clássica de psicometria por ela defender a inteligência como fator único e mensurável tão somente captável pelos tradicionais testes de Quociente de Inteligência (Q.I.). Desse modo, para Gardner (1994), sua teoria superaria a psicometria por propor uma nova forma de se ver e de se avaliar a inteligência.

De fato, é possível sustentar que esse autor se contrapõe a uma dada psicometria, sobretudo aquela que defende o conceito de Q. I. ou de uma inteligência geral. Conforme apontamos, o tipo de “medida psicológica” proposta pelo estudioso afirma a existência de fatores ou inteligências independentes e também propõe tarefas para avaliar o perfil intelectual

dos indivíduos, em contraposição aos testes psicológicos. Entretanto, ao transformar tarefas em testes para ponderar o perfil de inteligências continua intenso na teoria das inteligências múltiplas, sendo um modo de empregar formas que Gardner define como justas em relação à inteligência, ampliando assim, no seu dizer, o modo de se percebê-la. Em sua elaboração, a inteligência é “Uma habilidade para resolver problemas, ou para criar produtos, que são valorizados no âmbito de um ou mais contextos culturais” (Gardner, 1993, p. 73). Assim, o que o discurso desse autor faz é propor uma teoria da inteligência que avança ao descolar-se das dimensões linguísticas e lógico-matemáticas, como propunha Piaget, e os testes de algum modo mediam para uma inteligência que abarca um amplo espectro e possibilita que todos sejam inteligentes. Desse modo, inteligência pode ser qualquer coisa. Por outro, Gardner permanece – ou retoma – uma tradição biologizante ao dizer que para se classificar o sujeito como inteligente se faz necessário que haja alguma evidência da localização dessa inteligência no cérebro.

A nosso ver, a teoria das inteligências múltiplas não realiza uma ruptura com as demais teorias até então elaboradas. Ao contrário, as retomam no que lhes é essencial: a concepção de mensuração das aptidões e de adaptação, em um aspecto centrado na biologia e no funcionamento mental. Desse modo, tal modelo teórico sustenta-se basicamente em três pilares da inteligência: a psicometria, o ensinamento piagetiano e as neurociências. Mesmo que o elaborador da Teoria das Inteligências Múltiplas afirme buscar alguma síntese entre os aspectos orgânicos e culturais da inteligência, o que se verifica é que ele prioriza a dimensão orgânica, sobretudo ao sustentar a ideia de “janelas de oportunidades”. O que a cultura faz é, então, exercer um papel coadjuvante, “influenciando”, “estimulando” o potencial neurológico trazido pelo sujeito. A esse respeito, Prado (2004, p.8) faz severas críticas ao pensamento do pesquisador estadunidense. Para ela, não há separação entre o mundo natural e o social. O desenvolvimento humano está intrinsecamente ligado aos processos naturais e biológicos. Ao reconhecer a importância fundamental da relação entre a natureza e a sociedade, observa-se uma evolução da natureza orgânica para a social. A formação do ser humano é um processo contínuo e cheio de contradições, que envolve tanto mudanças quanto permanências. Esse processo faz com que o indivíduo adquira certas características que o identificam e outras que o diferenciam de outras pessoas e de sua própria versão anterior, transformando-se ao longo do desenvolvimento.

Nesse caminho, ela ainda destaca que a teoria de Gardner não é capaz de apreender o real com suas contradições, sendo, por isso mesmo, uma teoria reduzida. Ao fazer isso, tal teoria descola-se da posição de “teoria” para uma condição de “ideologia” e faz do homem um aporte

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 117 – 138 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

O DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO E A INTELIGÊNCIA: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

biológico a ser mensurado. Ora, o que se constata a partir dos enunciados da Teoria das Inteligências Múltiplas é que o discurso dessa elaboração parte da concepção ideologizante que a psicologia, tanto como ciência quanto como profissão, adotou nos Estados Unidos no século XX e que permanece no século XXI. Conforme destaca novamente Prado (2004, p. 9), ao dizer que essa mesma psicologia, agora nomeada de “aplicada”, assume seu caráter de ideologia por legitimar uma concepção abstrata de ser humano. Finalmente, o que se nota é que tal teoria traduz o “Espírito do Tempo”, um tempo em que o discurso universitário associa-se ao discurso da ciência e tende a eclipsar o sujeito, ou, talvez, diluí-lo em um conjunto de sinapses, neurotransmissores e habilidades cognitivas.

Embora as diversas abordagens sobre a superdotação insistam no caráter de normalidade dos sujeitos ditos superdotados, um fato curioso permanece nos discursos a respeito da superdotação: é ainda a constante e recorrente ideia de uma posição superior em relação aos demais humanos, e que a inteligência, mensurada pelo QI, é a causa da diferença. Se existe “uma inflação do significante superdotado” (Bergès-Bounes & Calmettes-Jean, 2010, p. 8), a questão maior é como tal significante aparece na contemporaneidade. No discurso dos professores de escolas públicas, à título de ilustração, o que se verifica é que a ideia de um “super” permanece. Pesquisa aponta que os professores associam a palavra “superdotação” à ideia de “facilidade na aprendizagem, inteligência superior e habilidades acima da média” (Langel et al., 2009. p. 195).

Em uma pesquisa conduzida por nós com 200 professores de cidade de porte médio de Minas Gerais, obtivemos dados bastante pertinentes². A maior parte dos entrevistados possui mais de 20 anos de carreira no Ensino Fundamental. A maioria (93%) possui curso superior, embora não tenha recebido formação específica a respeito da superdotação, seja em forma de curso, seminário ou palestra. No entanto, já ouviram falar (93%) acerca do tema e têm algum tipo de conhecimento a respeito do assunto. De modo geral, o que se sabe é que o professor busca informações por conta própria, em função de alguma demanda de trabalho ou em função de algum assunto que ouviu falar durante seu tempo de formação universitária.

Entretanto, além da análise univariada quantitativa, o que chama mais atenção e talvez seja mais pertinente para o que estamos tentando problematizar aqui seja o fato do professor trazer algumas considerações sobre o que ele pensa a respeito da superdotação. Na pesquisa, foi colocada uma questão: “Na sua concepção, o que é uma criança superdotada?”. As respostas

² As duas pesquisas foram realizadas em Março de 2021, através da aplicação de um questionário à professores de Escolas Públicas Municipais de uma cidade de 300 mil habitantes, após autorização do secretário municipal de Educação.

foram várias e vão desde um conhecimento muito equivocados do tema (“Que não consegue se defender ou desenvolver qualquer tipo de atividade física ou mental”) até definições que se encontram de acordo com as elaborações mais divulgadas pelos pesquisadores do tema. Todavia, grande parte repete aquilo que os estudiosos do assunto chamam de “mitos” ou, o que é mais recorrente, sustenta sua resposta com base em significantes associados a “alto,” “intelectual,” “elevado,” “Q.I,” “sabe muito”.

Conforme diz a professora Maria³, 53 anos, com mais de 20 anos de carreira, prestes a se aposentar e que conhece o tema por ter rapidamente estudado na faculdade de Pedagogia e por ter lido por conta própria: “É uma criança que apresenta Q.I bem elevado. Ela ultrapassa as expectativas de inteligência considerada ‘normal’ para um ser humano”. Da mesma maneira, a professora Marta, 39 anos, com mais de 20 anos de profissão docente, que também buscou conhecimento a partir do que estudou rapidamente no curso de pedagogia, garante que o sujeito dito superdotado é “Uma criança que possui inteligência acima da média. Sua capacidade de raciocinar, compreender ideias e resolver problemas é muito maior. [e isso pode ser medido pelo] teste de Q.I, que não é muito exato, e o mais usado é o teste WAIS, que apresenta um resultado acima de 130 de Q.I. outros meios estão sendo estudados”.

Um dos poucos professores dos anos iniciais encontrados para responder a questão, Filipe, 35 anos, com mais de 20 anos de profissão (SIC), da mesma maneira interessou-se pelo tema a partir de sua graduação em pedagogia. Ao responder à pergunta, Filipe afirma: “É a criança que utiliza maior parte da capacidade neurológica podendo concluir alguns processos ensino/aprendizagem com maior rapidez, devendo ter comprovação através de testes”.

Tais dados são relevantes para nosso trabalho por apontar para as dimensões imaginárias que circundam o tema, com seus respectivos efeitos. O que importa, então, a partir da perspectiva lacaniana, é o fato de tais dados serem materializados em palavras e dessas palavras nomearem. Assim, o que se tem em conta é o valor imaginário dessas palavras, que por sua vez, delimitará o modo como a prática docente será efetivada e também o modo como o professor relaciona-se com seu aluno. De fato, o que se tem nessa concepção imaginária é um sentido construído em torno do significante superdotação, com o efeito que ele provoca: uma relação desprovida de particularidade em função de uma fixação provocada por essa forma de linguagem. Como defende Laurent, o efeito que um significante pode ter é um efeito de massa, através da criação de comunidades de identificação a funcionar “como fundamento imaginário de uma neogantia simbólica” (Laurent, 2011, p.86).

³ Este nome, assim como todos os outros, são fictícios.

O DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO E A INTELIGÊNCIA: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

O que a insistência dos professores em torno dos significantes mencionados revela-nos, a despeito das teorias? Capturas imaginárias pelos artifícios da língua? Ou uma consistente crença contemporânea na ideia de que a exigência performática pelo mestre contemporâneo faz veicular no discurso dos professores a lógica do imperativo de se de gozar a qualquer preço? Se assim o for, podemos pensar que a inteligência em sua forma mais elevada, marcada pelo nome *superdotação*, se presentificaria nesta lógica, em que as exigências atuais por respostas cada vez mais rápidas e urgentes, apresentar-se-iam, pelo menos do ponto de vista imaginário, como um “a mais”, como um *plus*, como um “mais-de-goço”.

124

Os artifícios da língua

A partir das discussões propostas por Saussure (1905) sobre a existência da língua na coletividade, algo comum a todos e que independe da vontade dos depositários, é-nos permitido sustentar que a língua é um ato social, algo no qual o sujeito, desde o seu nascimento, é colocado em contato e nela submergido; trata-se de um elemento exterior ao sujeito. Todavia, não é possível que tal elemento se instale no sujeito se não houver nele algo que permita tal instalação. Neste momento, aquilo que há de natural no homem, ou seja, seu aparato orgânico, é o que permitirá a “fixação” e o desenvolvimento da linguagem humana. Nesse ponto, encontramos Chomsky (1980), para quem há uma predisposição genética para a aquisição da linguagem. Para o linguista estadunidense a linguagem é uma capacidade essencialmente humana, de ordem biológica, assentada em um órgão preparado para tanto: o cérebro. Sendo assim, uma vez que todos os homens encontram-se aptos a adquirirem uma língua, as múltiplas experiências vividas pelo sujeito o dariam condições de assumir um desempenho cada vez mais elevado. Se universalmente todos os homens possuem a competência para falar uma língua, o que Noam Chomsky denomina de gramática universal, a performance depende de fatores ambientais, tais como o contexto socioeconômico e os estímulos gerados pelo meio. A título de esclarecimento, desempenho refere-se ao uso que uma pessoa faz da língua, sendo uma resultante de uma série de fatores linguísticos e situacionais; é o que de fato se efetiva quando uma pessoa fala. Por outro lado, competência refere-se aos padrões linguísticos internalizados, ou seja, as regras que foram assimiladas pelo sujeito que o permitem reconhecer, julgar, receber e emitir certos enunciados de uma dada língua. Em sua proposição, esse autor define a língua como um conjunto de sentenças construídas a partir de um conjunto de elementos (Chomsky, 1980).

Assim, para Chomsky, uma língua só constrói sentidos a partir da relação que os elementos constituintes de uma sentença estabelecem entre si e mudar uma posição sintática implica em gerar outro sentido. Este, por sua vez, está em compreender a comunicação. De fato, sabemos que a língua é a base material para que o discurso ocorra (Pêcheux, 1988, p.91), mas como bem lembra-nos Lacan (1973, p. 510) “[...] A linguística é a ciência que se ocupa de lalíngua, que escrevo numa palavra só, para com isso especificar seu objeto, como se faz em qualquer outra ciência.”. Desta forma, sustentamos que o sujeito que enuncia não o faz simplesmente como um ato particular, visto que sua posição discursiva aponta para um lugar historicamente constituído, ao mesmo tempo em que é atravessado pelo inconsciente, pela língua materna, soma-se a isso uma posição imaginária, que também poderíamos chamar de ideológica. Assim, o “real da língua”, acontece em situações de uso e não em abstrações, o que é típico da teoria chomskiana. Conforme argumenta Lacan (1973), o que podemos chamar de “sentido” só o podemos fazer na medida em que se considera um saber produzido pelo inconsciente, ou seja, é a possibilidade de perceber os efeitos de “[...] alíngua, pelo seguinte, que ela apresenta toda sorte de afetos que restam enigmáticos. Esses afetos são o que resulta da presença de alíngua no que, de saber, ela articula coisas que vão muito mais longe do que aquilo que o ser falante suporta de saber enunciado” (Lacan, 1973, p. 190).

Ora, sustentados por tal elaboração, tomamos mais uma vez a língua como algo que faz artifício e isso não apenas pelos já conhecidos “efeitos” em sua dimensão simbólica, onde Lacan (1953) localizava as formações do inconsciente. Trata-se de tomar a linguagem, e mais especificamente a língua, por outro viés, que é aquele dos significados que são construídos historicamente e fixam uma determinada posição imaginária nos sujeitos. Estes pontos, a nosso ver, cristalizam certas localizações do sujeito e são capazes de promover uma segregação ou alienação, algo inerente à nomeação pela linguagem.

Assim, significantes como *gênio*, *superinteligente*, *QI altíssimo* e *nerd* aparecem de maneira deflagrada no discurso de professores de escolas públicas brasileiras, conforme demonstrado acima. A despeito do que diversos teóricos da superdotação denominam de *mitos* que não devem se fazer presentes nas concepções dos professores, tais elementos encontram-se recorrentes e definem, em função do caráter orientador do significante, as práticas e os modos de condução de professores e pedagogos. Ora, por mais que os manuais insistam no caráter antiquado do QI e da associação entre superdotação e genialidade (Alencar, 2007; Fleith, 2003), o efeito de fixação do significante presentifica-se nos discursos circulantes na escola, apontando para aquilo que Lacan, de modo jocoso, dizia mais uma vez sobre *lalíngua*: “[...] Vocês veem que lalíngua, lalíngua que escrevo numa só palavra, lalíngua que, entretanto, é boa moça,

UMAANA RES, v. 0, n. 10, 2024, ISSN: 2075 - 5701 p. 117 - 130 , agos. a dez. 2024 (numero especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

O DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO E A INTELIGÊNCIA: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

resiste. Ela faz beicinho. Goza-se, é necessário que se diga, do Outro, goza-se mentalmente”. [...] ⁴. (Lacan, 1971, p. 74). De certa maneira, é *isso* da língua que insiste e resiste no discurso dos professores.

Do ponto de vista das teorias que tratam da superdotação, o termo *gênio* é uma nomenclatura reservada às pessoas que deram contribuições ímpares à humanidade e, de alguma forma revolucionaram suas áreas de conhecimento (Alencar, 2007; Feldhusen, 1985; Feldman, 1991). Por sua vez, para os professores, *gênio* é uma nomenclatura aplicada a todos os superdotados, sobretudo aqueles que se destacam nas ciências naturais e exatas. Da mesma maneira, QI altíssimo, segundo os investigadores (Campos, Antipoff, 2010; Virgolim, 2007) da superdotação, associa-se a um mito construído em torno do tema, em função, conforme já dito, dos primeiros estudos a respeito dele o associarem a um quociente intelectual elevado. Neste mesmo percurso, autoras sustentam que “[...] a ideia de superdotação relacionada com QI é aquela que ainda vislumbra a inteligência como uma instância fixa e pré-determinada, como uma ‘inteligência geral’ que pode ser medida e quantificada por um valor.” (Antipoff, Campos, 2010, p.306).

Todavia, para os professores inqueridos⁵, a ideia do Q.I como o grande definidor da superdotação é fundamental. Mesmo que para alguns poucos professores a concepção de superdotação seja a de uma “criança com desempenho notório em todas as atividades, revela um talento especial para as artes, possuem uma inteligência superior”, como defende Ana, de 39 anos, ainda assim a maior parte permanece na ideia de capacidade elevada, alto desempenho ou excepcionalidade: “São crianças com capacidades excepcionais. Tem uma aprendizagem mais rápida e abrangente do que as crianças ditas normais” (Lia, 44anos).

O que dizer então de tais construções? São construções imaginárias? De algum modo, o discurso dos professores permite-nos localizar os efeitos imaginários de suas produções discursivas sobre a criança. Mas, de toda maneira, o que é intrigante é o fato de permanecer tal imaginário junto aos professores, mesmo havendo uma elaboração acadêmico-científica acerca do assunto que tenta desconstruir tais noções citadas a respeito da superdotação. Podemos pensar com a psicanálise que o imaginário é plano onde se manifesta o eu, que tendo uma

⁴ Livre-tradução nossa de: (...) Vous voyez que lalangue, lalangue que j’écris en un seul mot, lalangue qui est pourtant bonne fille, ici, résiste. Elle fait la grosse joue. On en jouit, il faut bien le dire, de l’Autre, on en jouit mentalement (...).

⁵ É oportuno destacar que tal inquerito foi por mim conduzido a partir de um trabalho conduzido em Portugal pela professora Sara Bahia, acerca das representações dos professores a respeito da superdotação. A partir das propostas aventadas por ela, elaboramos um questionário que foi aplicado em alguns professores brasileiros, conforme apontado anteriormente.

função de defesa contra as manifestações inconscientes, apresenta um aspecto falsificante na medida em que atribui um sentido de ilusão na autonomia da consciência; podemos também dizer com Lacan, (1936) que o imaginário liga-se às imagens, matéria-prima a partir da qual o eu se estrutura no estágio do espelho, em uma dimensão especular, que tem seus efeitos de engodo.

Naquilo que a língua tem de artifício, enquanto armadilha ou até mesmo artimanha, os enunciados proferidos pelos professores demonstram que, ou as elaborações teóricas não chegam a eles, ou elas não correspondem à realidade por eles vivida. Ou ainda há uma terceira via: importa fazer o uso que se queira das produções teóricas para melhor suportar o indizível real que aparece nos posicionamentos subjetivos dos sujeitos ditos superdotados. Se o imaginário lacaniano refere-se às representações, as imagens, às matérias-primas das identificações, pode-se dizer que os grupos sociais, com seus efeitos massificantes (Freud, 1921), atribuem certos lugares ao sujeito; de certo modo, quando o professor opera com determinados significados padronizados, tal fixação não permite um deslizamento ou aparecimento de significantes novos. Desse modo, é adequado destacar, mais uma vez, o caráter criacionista do significante, pois ele cria concepções e é a partir delas a superdotação, genialidade, inteligência e desempenho que alguns sujeitos entrarão no circuito segregativo que a língua promove, sendo considerados “super” ou “infra” na medida em que um nome é-lhes dado.

Assim, o modo fetichizado de se tomar o conceito “superdotado” como aqueles já ditos anteriormente, que se constroem significações que definem o espaço que o sujeito ocupa na escola e na sociedade. De certo modo, fixar-se em certos conceitos garante certa consistência na posição do professor frente ao superdotado, pois isso dá a ele uma segurança fantasiosa diante daquilo que ele supõe dominar ao conhecer pelos conceitos mencionados. Para Lacan (1954), uma das funções do imaginário é o de proporcionar uma integridade aparente e ilusória. Como consequência disso, o imaginário supõe uma relação dual, especular estando, apesar disso, sempre recoberto pelo registro do simbólico e, por isso mesmo, sempre traduzido em significantes. De algum modo, o imaginário supõe alienação, sedução, fascinação, desconhecimento e engano. O que se abstrai dos enunciados dos professores é, ao mesmo tempo, uma dupla função imaginária em relação às concepções acerca das crianças nomeadas superdotadas. Assim, temos uma função de fascinação associada a uma função de desconhecimento e engano. O desconhecimento pode ser constatado na premente resistência do professor em não “querer saber” dos conceitos apresentados pelos manuais, enquanto que a fascinação aponta para uma alienação ao campo do Outro, uma vez que o segredo do fascínio

Humana Res, v. 9, n. 10, 2024, ISSN: 2075-5701 p. 117 – 130, ago. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

O DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO E A INTELIGÊNCIA: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

pelos aspectos imaginários revela-se no encobrimento da falta, e, ainda, no encobrimento do objeto. Assim, com a fascinação presente no discurso dos professores, o que se tem, talvez, é o encobrimento de uma falta-a-ser que é intolerada pelo discurso pedagógico, que tem como seu objetivo central, os modos como o sujeito constrói seu saber. De todo modo, para a psicanálise, o imaginário é o que produz sentido.

Por fim, o que é intrigante nisso tudo e não aparece nos relatos dos professores, é o fato de a superdotação estar colocada para os pesquisadores como uma Alta Habilidade que não pode ser desperdiçada, por quanto se apresenta como recurso natural que os países devem aproveitar. Esta é uma ideia defendida pelos investigadores do tema e que pode ser resumida na discussão proposta pela professora de psicologia educacional da Universidade Estadual da Philadelphia, Lita Linzer Schwartz (1994). De acordo com ela, esse recurso natural não tem sido explorado pelas diversas nações do mundo; os países têm se esforçado em promover uma igualdade no acesso à educação, mas com o foco naqueles que têm algum tipo de necessidade educacional especial. No entanto, argumenta a autora, os superdotados ficam à margem de tais programas, uma vez que há o pensamento de que eles são capazes de fazer algo por si mesmos em seus processos de desenvolvimento.

É na condição de recurso natural que lhes é imposta que sua condição de objeto deve ser pensada: um objeto capaz de gerar lucro, dotado de um valor comercial, podendo ser considerado, como portador de altas habilidades, uma “hiper força de trabalho” e um objeto para o gozo do Outro, aqui entendido como o campo da cultura. Desse modo, na hipermodernidade, a superdotação pode assumir também a condição de *hiper*, uma hiperdotação, na medida em que o dom em excesso é dado, mas tão somente, talvez, para os assim nomeados ficarem na posição de objeto de mais de gozo, conceito cunhado por Lacan (1969), para indicar o que Marx chamou de mais-valia.⁶

2.1. A inteligência e suas vicissitudes

Conforme fora discutido anteriormente, a nova modernidade ajusta-se à civilização da mais-valia, o que se traduz como gozo para a psicanálise. Isso significa que essa Era inaugurou

⁶ Sobre a Mais-valia, Marx vai dizer que ela se refere à materialização do trabalho não pago: “Toda mais valia, qualquer que seja a forma na qual se cristalice, é por sua substância, materialização de trabalho não pago, que é igual ao trabalho excedente da venda de mão de obra do proletário.” (MARX apud KOHAN). A partir da definição marxista, Lacan afirma: “o que Marx denuncia na mais-valia é a espoliação do gozo. No entanto, essa mais-valia é o memorial do mais-de-gozar, é o seu equivalente do mais-de-gozar. A sociedade de consumidores adquire seu sentido quando ao elemento, entre aspas, que se qualifica de humano se dá o equivalente homogêneo de um mais-de-gozar qualquer, que é o produto de nossa indústria, um mais-de-gozar — para dizer de uma vez — forjado.” (LACAN, 1969, p.76).

uma nova modalidade de capitalismo sustentada pela lógica de um consumo baseada na estimulação contínua da demanda, com suas devidas consequências nos laços sociais. No entanto, a forma principal de se realizar tal consumo é associá-lo à ideia de felicidade, pois esta se tornou um bem cultural importante e marca o consumo emocional, que é exatamente o tipo de consumo sustentado pelas sensações. No que isso se associa à inteligência, pode-se apontar, de início, que a inteligência é, do ponto de vista das funções cognitivas, a mais valorizada e a mais desejada atribuição para os homens. Tanto para alunos quanto para professores, “ser inteligente” está entre as principais qualidades.

Em uma enquete realizada com 109 alunos do 5º ano da Ensino Fundamental de escolas públicas de uma cidade de porte médio em Minas Gerais, foi colocada a seguinte situação para as crianças com idade variada entre 10 e 11 anos de idade: “Se você pudesse escolher uma das situações abaixo para você ser um tipo de aluno, qual aluno você seria?”

As possibilidades de respostas dadas aos alunos foram as seguintes:

- | |
|--|
| <p>Aluno A – Este é o aluno que é popular, que tem muitos amigos e que se dá bem com todos os colegas.</p> <p>Aluno B – Este é o melhor atleta da escola, que é bom em todos os esportes.</p> <p>Aluno C – Este é o aluno mais inteligente da escola, que tira as melhores notas.</p> <p>Aluno D – Este é o aluno que todos os colegas da sala têm medo dele.</p> <p>Aluno E – Este é o aluno mais quieto da sala.</p> |
|--|

Quadro 1: Possibilidades de respostas dos alunos do 5º ano do ensino fundamental.

Para pouco mais de 47% dos alunos, ser o mais inteligente da escola, com as melhores notas é o atributo mais desejado, contra pouco mais de 42% da preferência de ser o mais popular. Como se vê, mesmo entre crianças a alta inteligência, pelo menos naquilo em que ela se associa às maiores notas, é uma das características mais desejadas na escola. Conforme apontado, ser o mais popular fica na segunda preferência desses alunos (42.39%), mas, podemos levantar a hipótese de que a inteligência, dentre os estudantes, é um atributo que também gera popularidade.

Vista como uma função superior, a inteligência recebe lugar de destaque nos manuais de psiquiatria e psicopatologia. Segundo Enguix (2002) a situação clínica mais comum em psiquiatria em que se faz necessária uma avaliação mais precisa é a inteligência. De acordo com esse autor, uma avaliação qualificada da inteligência, para ser feita, necessita da aplicação de diversos instrumentos e estratégias, principalmente os testes de inteligência, seja para avaliar os casos de demência, seja para se avaliar os casos de inteligência superior. Entretanto, os

O DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO E A INTELIGÊNCIA: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

manuais de psiquiatria e psicopatologia tratam sempre da inteligência e suas alterações, não sendo a inteligência normal, de modo geral, uma preocupação desses manuais. Dalgarrondo (2008, p.277) sustenta que a inteligência refere-se a um “[...] conjunto das **habilidades cognitivas do indivíduo**, a resultante, o vetor final dos diferentes processos intelectivos” (SIC), e, de modo geral, pode ser vista como a capacidade que o indivíduo tem de identificar e resolver problemas novos. Trata-se de uma inspiração claramente piagetiana, em que esse psiquiatra sustenta que uma das questões mais importantes na inteligência refere-se à capacidade de encontrar soluções mais satisfatórias possíveis. Esse autor faz uma breve descrição das principais habilidades incluídas no construto da inteligência, mas também, como era de se esperar, apresenta os aspectos gerais do retardo mental, com suas variadas síndromes.

Para alguns autores, como Nobre de Melo (1979), a inteligência é marcada por um aspecto quantitativo, pois será tanto mais inteligente o indivíduo quanto mais ele conseguir acumular e processar informações, mas, também, quanto mais e melhor esse indivíduo conseguir compreender o que sucede a partir de seu campo de informações que é capaz de abranger e integrar. Vê-se, assim, que o aspecto quantitativo é importante na medida da inteligência, já que os testes medem exatamente o aspecto quantitativo daquilo que se define como inteligência. É evidente, no entanto, conforme dito anteriormente, que os *idiots savants* surgem como casos atípicos em tais situações, pois se tratam de sujeitos que apresentam uma habilidade superior em uma área específica, ao mesmo tempo em que apresentam um pronunciado atraso mental. Nesses casos, os resultados nos tradicionais testes de medida de inteligência apontam para um índice baixo, com retardo pronunciado. Tais casos são importantes do ponto de vista psicanalítico não por serem vistos como uma “aberração” ou apenas uma contraprova da superdotação. Antes, tornam-se importantes na medida em que servem para demonstrar como o componente cognitivo, mesmo que “precarizado”, ao ser investido por elementos do desejo, ou tocados por algo que vem do Outro, colocam-se à trabalho à favor de um sujeito que resiste às classificações.

Kiyoshi Yamoshita viveu seus primeiros anos de vida em uma instituição para deficientes intelectuais desenvolvendo uma habilidade artística que o tornou famoso como pintor de quadros. O que se passou com este sujeito que, apesar de seu pronunciado “retardo mental”, tornou-se capaz de pintar quadros com excelente nível técnico a ponto de torná-lo conhecido em todo o mundo? O que se pode dizer, de início, é que algo de um sujeito escapou

às classificações e isso é que deu a garantia de uma ex-istência⁷ dele no mundo. Trata-se, assim, a nosso ver, de algo que Miller (2002) denomina de “um saber-fazer com o sintoma”, pois o sujeito aí comparece com algo de seu, não apenas sendo dele tirado aquilo que o caracteriza como um “doente”, ou como um “idiota”. Ao contrário, não se trata de livrá-lo daquilo que não funciona, mas de se construir um “saber-fazer com isso”. Se então o sintoma da “idiotia” desordenava, seja nos casos de psicose ou autismo, o sujeito inventa alguma coisa para poder daí extrair qualquer coisa que lhe seja favorável e, então, construir um saber-fazer com isso.

De alguma maneira, o que se percebe é um impasse nesses casos acima citados, pois eles fazem vacilar a garantia dada pelos testes de inteligência de uma classificação, ou ainda, excluem qualquer tipo de certeza quando se pensa nos distúrbios da inteligência. De acordo com Santiago (2007), a referência ao distúrbio da inteligência em manuais de psiquiatria aponta para um comprometimento orgânico com seu respectivo caráter deficitário, uma vez que diversos fenômenos psiquiátricos, segundo tais manuais, compromete o desempenho intelectual desses sujeitos. Nesse sentido, a sempre recorrente ideia de inferioridade ou fraqueza de pensamento se fazem presentes.

Em decorrência dessas dimensões pragmáticas em torno do elemento deficitário da inteligência, desde cedo se tratou de pensar nos possíveis caminhos que aqueles vistos como “fracos intelectualmente” deveriam ser levados a percorrer. Assim, uma proposta capital aparece na França no início do século 20 (Santiago, 2007; Binet, Simon, 1907) em que a proposta feita por Binet e Simon, a partir da proposição de um teste de inteligência, orienta o governo francês a colocar o dito “idiota” no hospício, o dito “débil” na escola e o nomeado como “imbecil” nos ateliês ou oficinas, tendo em vista que que não pode aprender nem a ler nem a escrever.

É desse modo que as políticas públicas voltadas para os “fracassados na inteligência” possuem sua importância capital, ao apontar os caminhos e modos de tratamento que tais crianças deveriam seguir⁸. De certa maneira, as vicissitudes da inteligência chamam mais atenção naquilo em que ela aponta para o contraditório e, até mesmo, para o inclassificável, como é o caso do *idiot. Savant* ou dos superdotados que fracassam na escola. Em suas pesquisas Cohen (2004) constatou que o “fracasso escolar aparecia tanto nas turmas de crianças

⁷ A “ex-sistência” é definida por Lacan como “lugar-excêntrico” para situar o sujeito do inconsciente. Lacan, cunha este termo para referir-se a um espaço entre o interior e o exterior ao próprio sujeito. Trata-se, assim, da existência numa posição de excentricidade em relação a algo.

⁸ Dizem-nos Binet e Simon (1907, p. 113): “A coup sûr, l'idiot est pour l'hospice. A coup sûr, le débile est pour l'école. Reste l'imbécile, au sujet duquel on peut hésiter. Du moment que l'imbécile ne peut apprendre ni à lire ni à écrire, sa place n'est qu'à l'atelier. On recherchera dans quelle mesure il profiterait de l'enseignement spécial”.

Humana Res, v. 6, n. 10, 2024, ISSN: 2675 - 3901 p. 117 – 138 , agos. a dez. 2024 (Número Especial: 10 anos do Curso de Ciências Sociais da UESPI). DOI: citado na página inicial do texto.

O DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO E A INTELIGÊNCIA: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

deficientes mentais, quanto nos grupos de alunos superdotados. A inibição das funções intelectuais ocorria nesses dois grupos, e a relação professor-aluno se mostrava diretamente ligada a tais inibições” (Cohen, 2004, p.2). Para ela, esses alunos traziam questões relativas à sua subjetividade e que não estavam ligadas, em um primeiro momento, à sua situação “diagnóstica”. Nesse sentido, cabe a interrogação: seria a superdotação uma das vicissitudes da inteligência?

Um importante teórico da psiquiatria infantil destacou os problemas psicológicos enfrentados pelas crianças superdotadas. Ao referir-se a estudos que evocam a psiquiatria dinâmica⁹, Ajuriaguerra (1988) destaca as recorrentes dificuldades pessoais de crianças e adultos considerados superdotados, mesmo dentre aqueles que possuem uma boa colocação profissional e bom nível socioeconômico. Uma das questões levantadas por ele refere-se ao descompasso existente entre o desenvolvimento intelectual e a maturidade psicoafetiva, pois, “Poder aprender tudo não se identifica necessariamente com a aprendizagem da vida nem com o poder de suportá-la em suas contradições...”¹⁰ (p. 837). Uma das contradições ou possibilidades da vida é alguma dificuldade de caráter instrumental, ou melhor, alguma dificuldade em decidir ou, até mesmo, decidir mal. Trata-se de uma situação existencial presente na trajetória de qualquer pessoa. Todavia, os superdotados, de acordo com o psiquiatra espanhol, diante de uma situação como a descrita acima, perdem o gosto pelo esforço, tornam-se instáveis e adotam ou uma posição de afastamento em relação a seus colegas ou excluem socialmente suas próprias possibilidades,. (Ajuriaguerra, 1988). Além de descrever algumas dificuldades encontradas em crianças superdotadas, Ajuriaguerra chama atenção para a necessidade de se realizar uma investigação acerca do nível de aspiração dos pais e as condições afetivas das crianças no plano cognitivo associado à dimensão pulsional, bem como às identificações a um eu idealizado das imagens parentais.

Sabe-se que a entrada na escola representa a abertura para um mundo novo no qual a criança adquire, progressivamente, um determinado número de conhecimentos que vão se

⁹ Trata-se de uma psiquiatria fortemente influenciada pela psicanálise e pode ser vista como um tipo de Psiquiatria que não exclui a condição humana. Para Bettarello (1998, p.26), refere-se: “1 - Uma maneira de conceber a própria Psiquiatria; 2 - Um esquema referencial que, fundamentado em conceitos psicodinâmicos, procure integrar os fatores biológicos, psicológicos e sociais; 3 - Uma perspectiva que, centrada na personalidade, permita melhor compreender a doença (o doente) e, conseqüentemente, a saúde (o hígado) mental”. Sua ênfase é no caráter funcional e não apenas no orgânico, conforme propõe a denominada psiquiatria biológica.

¹⁰ Livre-tradução de: “Poder aprenderlo todo no se identifica necessariamente con el aprendizaje de la vida ni con el poder de suportala em sus contradicciones...”.

tornando cada vez mais complexos. Trata-se de uma novidade do ponto de vista psicológico, ao se considerar a dimensão cognitiva, mas também no aspecto afetivo, porque a escola estabelece uma separação com o meio familiar e novas formas de adaptação social. Na perspectiva de Ajuriaguerra, tal processo não se refere ao nível de inteligência apresentado pela criança, mas a certo grau de maturidade. De acordo com ele, “[...] a adaptação não se dá em função de seu [da criança] grau de inteligência, senão de sua maturidade, de sua capacidade de participação e de certa engenhosidade nas relações que dependem do feito da prévia organização afetiva da criança”¹¹ (AJURIAGUERRA, 1988, p. 818).

De modo geral, segundo o psiquiatra supracitado, a criança dita superdotada apresenta uma dificuldade do ponto de vista da maturidade. Além disso, segundo ele, pode-se dizer que cada criança superdotada carrega em si mesma um problema individual e não é raro que sujeitos ditos superdotados fracassem. Em seu respeitado livro de psiquiatria infantil, relata estudos que apontam para as dificuldades enfrentadas por aqueles que possuem um Q.I. de 180: “A escola não está adaptada a sua necessidade. [...] Nos superdotados cujo Q.I. é superior a 180, uma tendência à alienação, a viver em um mundo à parte; perdem o contato com as crianças de sua idade; não têm o mesmo vocabulário” (p.837)¹². Tais elementos também foram constatados por nós, tanto na participação nos grupos de apoio, quanto em entrevistas com os pais de crianças nomeadas superdotadas, quanto pelas próprias crianças que portam tal nomeação.

Considerações finais

Conforme tentou-se demonstrar acima, o conceito de inteligência associa-se a certo *Espírito do Tempo*. Se na era industrial *acumular era preciso*, se havia certa consistência dos conceitos, dos valores e da dimensão simbólica, o conceito de inteligência era também um pouco mais consistente, menos invariável, assim como foi na época do Binet e Simon, em que o conceito associava-se àquilo que era mensurável, segundo os ideais de cientificidade do final do século XIX e princípio do século XX. Tal associação aponta para uma das vicissitudes do conceito: certa variabilidade associada a um certo imperativo da época.

Assim, uma marca da contemporaneidade refere-se à uma certa inconsistência ou a uma

¹¹ Livre-tradução de: “[...] la adaptación no está en función de su grado de inteligencia, sino de su madurez, de su capacidad de participación y de cierta ingeniosidad en las relaciones que dependen de hecho de la previa organización afectiva del niño”.

¹² Livre-tradução nossa de: “La escuela no está adaptada a su necesidad. (...) en los superdotados cuyo C.I. es superior a 180, una tendencia al aislamiento, a vivir en un mundo aparte; pierden el contacto con los niños de su edad; no tienen el mismo vocabulario”.

O DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO E A INTELIGÊNCIA: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

não sedimentação dos conceitos e valores e tal vacilação, a nosso ver, reflete a elaboração da ideia sobre a inteligência. Como encontramos uma multiplicidade de modos de vida, encontramos também uma multiplicidade de concepções sobre esse tema. No entanto, aquela que teve maior acolhimento na psicologia e na educação foi o conceito de inteligências múltiplas, conforme temos apresentado ao longo desta tese.

Outro aspecto que chamou nossa atenção foram alguns artigos de revistas sobre a questão da superdotação e sua associação com a doença mental. A revista *Mente & cérebro* de dezembro de 2004 trouxe um texto que discute a relação entre genialidade e loucura. Após apresentar uma relação significativa de “gênios” da humanidade que apresentavam algum tipo de “grave transtorno psíquico” relata uma pesquisa realizada por um psiquiatra da universidade de Iowa, Estados Unidos da América. Em tal estudo, a investigadora examinou 30 escritores criativos à procura de distúrbios psíquicos e comparou os dados obtidos aos daqueles grupos de um grupo de controle: “80% dos escritores relataram perturbações regulares do humor, ante 30% no grupo de controle. Quarenta e três por cento dos artistas satisfaziam os critérios para o diagnóstico de uma ou outra forma de patologia maníaco-depressiva, o que, no grupo de controle, só se verificou em uma a cada dez pessoas” (Kraft, 2004). No decorrer da pesquisa, dois escritores cometeram suicídio e a psiquiatra comprovou, segunda a revista, que “por trás da suposta conexão entre criatividade elevada e psique enferma, haveria algo mais que o mero e surrado lugar-comum”. Não discutiremos aqui a tentativa de patologização do mundo que a ciência e a psiquiatria nas DSM tentam realizar na contemporaneidade, nem mesmo os efeitos da avaliação, mas tal associação (genialidade e loucura) parece ser corriqueira e interessante.

Até os anos 1920, havia uma concepção de que a superdotação associava-se a certo tipo de instabilidade psíquica ou a alguma anormalidade mental. Por outro lado, o estudo longitudinal realizado de 1926 a 1977 por Terman constatou que as crianças identificadas como superdotadas possuíam mais persistência, autoconfiança, ausência de sentimentos de inferioridade e integração com relação a metas. Em um de seus estudos, cujo título foi *Genetic studies of genius*, no primeiro volume o renomado pesquisador da inteligência tratou dos traços físicos e mentais de crianças superdotadas, na intenção de fazer um compilado das principais características de tais pessoas. Para tanto, ele avaliou mais de mil crianças e suas investigações demonstraram que o “o grupo de superdotados é, como um todo, fisicamente superior aos vários

grupos usados para comparação” (Terman, 1925, p. 171)”¹³.

Como rapidamente visto, há impasses entre diversos autores (Virgolim, 2009; Péres, 2003) no que diz respeito ao que se poderia chamar de saúde mental na superdotação. Para alguns, como Hollingworth (op. Cit), há questões “emocionais” proeminentes, enquanto que para outros, como Terman (op. Cit), os ditos superdotados gozam de uma saúde mental muito melhor que a média geral da população. Para nós, no entanto, não se trata de pensar naquilo que as escalas medem, pois como traço característico do discurso científico contemporâneo, tais escalas tendem eclipsar a falta simbólica ao produzir formulações baseadas na certeza, na objetividade e nas padronizações universais. Assim, não nos cabe sustentar que o superdotado “é isso ou aquilo”, mas a proposta da psicanálise é extrair da categoria dos universais o particular para chegar ao singular. Isso implica, nesta tese, em escutar os sujeitos que estão sob a júdice da superdotação e, a partir daí, pensar na formalização do que poderíamos denominar de caso único.

REFERÊNCIAS

- AJURIAGUERRA, J. **Manual de psiquiatria infantil**. São Paulo: Masson, 1988.
- ALENCAR, Eunice Soriano. **Psicologia e educação do sobredotado**. São Paulo: EPU, 1986.
- ALENCAR, Eunice Soriano de. Características sócio-emocionais do superdotado: questões atuais. In: **Psicologia em Estudo. Maringá**, v. 12, n. 2, p. 371-378, maio/ago. 2007.
- ALMEIDA, Maria Amélia; CAPELLINI, Vera Lúcia M. F.. Alunos talentosos: possíveis superdotados não notados. **Educação**. Porto Alegre, ano XXVIII, n. 1 (55), p. 45 – 64, Jan./Abr. 2005.
- ANTIPOFF, Cecília Andrade. **Uma proposta original de educação de bem-dotados: ADAV – Associação Milton Campos para o desenvolvimento e assistência de vocações de bem-dotados em sua primeira década de funcionamento: 1973 – 1983**. (Dissertação de mestrado). FAE/UFMG, 2010. Belo Horizonte. 241f.
- BINET, Alfred; SIMON, Theodore. **Testes para a medida de desenvolvimento da**

¹³ Livre-tradução de: “gifted group is, as a whole, physically superior to the various groups used for comparison” (Terman, 1925, p. 171).

O DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO E A INTELIGÊNCIA: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

inteligência, nas crianças. São Paulo: Melhoramentos, 1929.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano I: Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2002.

CHOMSKY, Noam. **Estruturas sintáticas**, 1980, p. 7. Edições 70, Lisboa.

COHEN, Ruth Helena Pinto. **Uma questão entre psicanálise e educação: sobre a etiologia do fracasso escolar.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. 211 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

DANTAS, M. A., & NORONHA, A.P. (2005). Inteligência emocional: Parâmetros psicométricos de um instrumento de medida. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 5(1), 59-72.

ENGUIX, Salvador Cervera *et al.* **Manual del residente de psiquiatria.** Madrid: Smarthkline Beechmam, 2002.

FELDHUSEN, J.F. **Talented Identification and Development in Education (TIDE).** Sarasota, FL: Center for Creative Learning, 1985.

FREUD, S (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. **Edição Standard brasileira das obras completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARDNER, H.. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. Publicado originalmente em inglês com o título: *The frames of the mind: the Theory of Multiple Intelligences*, em 1983.

HOLLINGWORTH, L. S. (1931). **The child of very superior intelligence as a special problem in social adjustment.** *Mental Hygiene*, 15(1), 3-16.

KOHAN, Nestor. **Aproximações ao marxismo.** Uma introdução possível. S.d.d.

LACAN, J. (1936). **O estádio do espelho como formador da função do eu.** In LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J.(1971- 1972) **O seminário, livro XIX: ou pior....** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques (1953). Função e campo da fala e da linguagem. In: Lacan, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro, Zahar. 1988.

LACAN, Jacques (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão depois de Freud. In: LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496- 535.

Lacan, J. (1983). **O seminário**, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário original de 1953-1954)

LANGEL, Denise; PIRES, L.A, TRONCONI, L. Concepção de altas habilidades/superdotação em Instituições públicas de ensino em Uberlândia-mg. **Revista da católica**, vol. 2, nº2 2009. Disponível in: http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n1/17_Concepcao_de_altas.pdf. Acesso: 23/06/2012.

LAURENT, É., « Un nouvel amour pour le père », *La Cause freudienne*, no 64, p. 86. 2011.
MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Abril Cultural, vol.1, 2001.

MILLER, Jacques-Alain. **De la naturaleza de los semblantes**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

NEVES, Tatiana Freitas Stockler das. **Ensaio sobre o desemprego**: qualidades de um “novo” trabalhador? *Imaginário*, São Paulo, v. 12, n. 13, dez. 2006. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2006000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 maio 2012.

NOBRE DE MELO, A. L. **Psiquiatria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

OSOWSKI, Cecília Irene. **Os chamados superdotados** : a produção de uma categoria social na sociedade capitalista. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de Pós-Graduação em Educação. 1989. 248f.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PINTO-MAIA, Renata Rodrigues; FLEITH, Denise de Souza. Percepção de professores sobre alunos superdotados. **Revista Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 19, n. 1, p. 78-90, janeiro/abril 2002.

PRADO, Kellen Cristina. A “teoria das inteligências múltiplas” ou as “múltiplas teorias da inteligência”? crítica a uma visão fragmentada da cognição. 2004. disponível in: http://www.propp.ufms.br/ppgedu/geppe/teoriadasinteligenciasmultiplas_anped2005.pdf.

SANTIAGO, Ana Lydia. **Debilidade e déficit**: origens da questão no saber psiquiátrico. *CliniCAPS*, Dez 2007, vol.1, no.3, p.20.

SAUSSURE, Ferdinand de (1905). **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1979.

SCHULTZ, Stella Gastaldon; MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. **Inteligências múltiplas**: anos finais do ensino fundamental / Stella Gastaldon 2023 Schultz e– Curitiba : FTD : PUCPRESS, 2023. 46 p. : 21 cm. -- (Coleção caminhos do saber)

SCHWARTZ, Lita L. **Why Give "Gifts" to the Gifted?**: Investing in a National Resource. California: Corwin Press, 1994.

TERMAN, L. M. **Genetic studies of genius**: Vol. 1. Mental and physical traits of a thousand gifted children. California: Stanford University Press, 1925.

O DISCURSO CONTEMPORÂNEO SOBRE A SUPERDOTAÇÃO E A INTELIGÊNCIA: APONTAMENTOS NECESSÁRIOS

VIRGOLIM, A.M.R. **O indivíduo superdotado**: história, concepção e identificação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 13 (1). 2007. P. 173- 183.

VIRGOLIM, Angela Mágda Rodrigues. **Altas habilidades/ Superdotação**: Encorajando potenciais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2009.

WESCHLER, David. A study of mental diseases. **Journal of Nervous & Mental Disease**: April 1940 - Volume 91 – Issue 4 . BOOK REVIEWS: PDF Only